



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 29/06/2018 a 05/07/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
29/06/2018	8,58	332,80	29,12	4,97	3,50
02/07/2018	8,48	329,50	28,77	4,80	3,37
03/07/2018	8,44	327,80	28,62	4,91	3,42
04/07/2018	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
05/07/2018	8,35	328,20	28,47	5,04	3,43
Média	8,46	329,58	28,74	4,93	3,43

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho= 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	79,50	1,53
RS - Santa Rosa	79,40	2,06
RS - Ijuí	79,40	2,06
PR - Cascavel	80,15	3,75
MT - Rondonópolis	72,10	4,19
MS - Ponta Porá	74,60	3,90
GO - Rio Verde (CIF)	71,45	3,03
BA - Barreiras (CIF)	67,40	1,81
MILHO		
Argentina (FOB)**	160,40	-3,26
Paraguai (FOB)**	137,50	-4,51
Paraguai (CIF)**	172,50	-0,86
RS - Erechim	39,25	-0,51
SC - Chapecó	38,00	-1,55
PR - Cascavel	33,75	-2,74
PR - Maringá	34,75	-2,52
MT - Rondonópolis	25,25	0,40
MS - Dourados	27,00	-2,00
SP - Mogiana	35,50	-1,11
SP - Campinas (CIF)	37,50	-0,56
GO - Goiânia	28,50	-3,06
MG - Uberlândia	34,50	-1,29
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	950,00	0,00
RS - Santa Rosa	950,00	0,00
PR - Maringá	1200,00	0,00
PR - Cascavel	1110,00	0,91

Período entre 29/06/2018 a 05/07/18

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 05/07/2018

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	34,98	73,69	41,41

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 05/07/2018

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	38,13
Feijão (saco 60 Kg)	133,95
Sorgo (saco 60 Kg)	25,89
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,07
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,08
Boi gordo (Kg vivo)*	5,01

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Nesta primeira semana de julho, mais curta nos EUA devido ao feriado do Dia da Independência (04/07), as cotações da soja voltaram a recuar, fechando a quinta-feira (05) em US\$ 8,35/bushel, contra US\$ 8,61 uma semana antes. A média de junho ficou em apenas US\$ 9,25/bushel, contra US\$ 10,20 em maio, sendo a mais baixa média mensal desde junho de 2017.

O mercado esteve sob influência dos relatórios de plantio e de estoques trimestrais nos EUA, anunciados em 29/06. Quanto ao plantio, o mesmo indicou uma área definitiva de 36,26 milhões de hectares semeados com soja neste ano. A mesma é 1% menor do que a área do ano passado, porém, maior do que a intenção de plantio indicou no final de março passado. Ao mesmo tempo, quanto aos estoques trimestrais na posição de 1º de junho, os mesmos atingiram a 33,2 milhões de toneladas, ficando 26% acima do registrado na mesma época do ano passado. Os mesmos, portanto, foram baixistas para o mercado.

Soma-se a isso a continuidade da guerra comercial entre EUA e China, a qual tem neste dia 06/07 (sexta-feira) uma data importante, pois será a partir deste dia que as tarifas protecionistas, em princípio, deverão começar a ser aplicadas mutuamente. Vamos repercutir isso em nosso próximo boletim.

Pelo sim ou pelo não, esta guerra comercial é o ponto central dos movimentos em Chicago há algumas semanas. Se ela se concretizar na prática, Chicago tende a ver cotações ainda mais baixas. Caso contrário, em havendo reabertura das negociações entre chineses e estadunidenses, poderemos assistir a uma importante recuperação das mesmas já que a queda do bushel foi significativa nas últimas semanas.

Por sua vez, os Fundos especulativos continuaram vendendo posições, chegando a um total líquido vendido de 44.000 contratos de soja em grão em apenas 14 semanas. Isso resultou em uma inversão de posições líquidas (a maior desde o início de 2014) em 252.000 contratos (Cf. AgResources).

Paralelamente, o clima continuou positivo nos EUA, embora as condições das lavouras de soja naquele país tenham piorado um pouco. Até o dia 1º de julho as mesmas indicavam 71% entre boas a excelentes; 23% regulares e 6% entre ruins a muito ruins. Ocorre que nestes níveis de qualidade, começam a surgir projeções de uma nova supersafra nos EUA, com a mesma podendo chegar a 124 milhões de toneladas de soja. Isso confirma alertas que fizemos sobre tal possibilidade diante de uma área praticamente idêntica a do ano passado e um dos melhores climas de verão da história para a oleaginosa. A questão agora é acompanhar o clima para vermos se, nos próximos dois meses (até meados de setembro), o mesmo continuará tão positivo nos EUA.

Lembramos que no próximo dia 12/07 teremos mais um relatório de oferta e demanda do USDA, o qual atualizará as projeções de safra para os EUA neste próximo ano comercial, assim como revisará os números da última safra.

Por outro lado, as exportações líquidas estadunidenses foram boas na semana encerrada em 21/06, atingindo a 358.500 toneladas, ficando 14% acima da média das

quatro semanas anteriores. Todavia, o volume semanal, apesar da recuperação, ainda está baixo em comparação a média histórica para esta época do ano. Para 2018/19 o volume alcançou a 642.300 toneladas. Já as inspeções de exportação de soja, na semana encerrada em 28/06, atingiram a 849.204 toneladas, acumulando um total de 49,7 milhões de toneladas no atual ano comercial, contra 52,5 milhões no mesmo período do ano anterior.

Aqui no Brasil, graças a um câmbio que voltou a estabelecer o valor da moeda nacional em R\$ 3,91 por dólar em alguns momentos da semana, os preços médios melhoraram um pouco. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 73,69/saco, enquanto os lotes oscilaram em torno de R\$ 78,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 65,00 em Querência (MT) e R\$ 81,00/saco no norte do Paraná e na região de Campos Novos (SC), passando por R\$ 67,00 em Uruçuí (PI) e Chapadão do Sul/São Gabriel (MS); R\$ 71,50 em Goiatuba (GO); e R\$ 66,00/saco em Pedro Afonso (TO).

Outro elemento que auxiliou na melhoria dos preços foi a manutenção de prêmios elevados nos portos brasileiros. Nesta semana os mesmos subiram para valores entre US\$ 1,68 a US\$ 2,12/bushel (cf. Safras & Mercado). Na medida em que o conflito comercial entre EUA e China continuar, tais prêmios tendem a melhorar devido ao aumento do interesse chinês pela soja brasileira, além de estarmos na entressafra da oleaginosa.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços da soja no período entre 14/06/2018 a 05/07/2018.

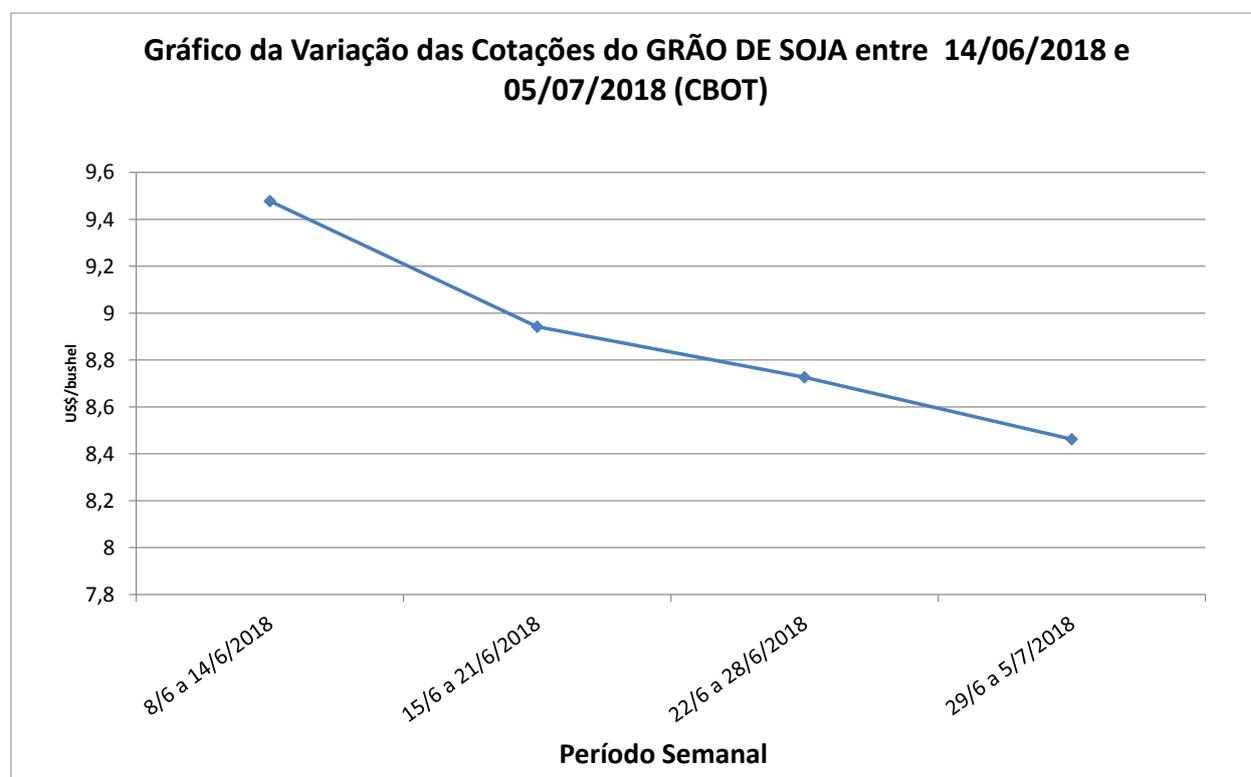


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 14/06 e 05/07/2018 (CBOT)

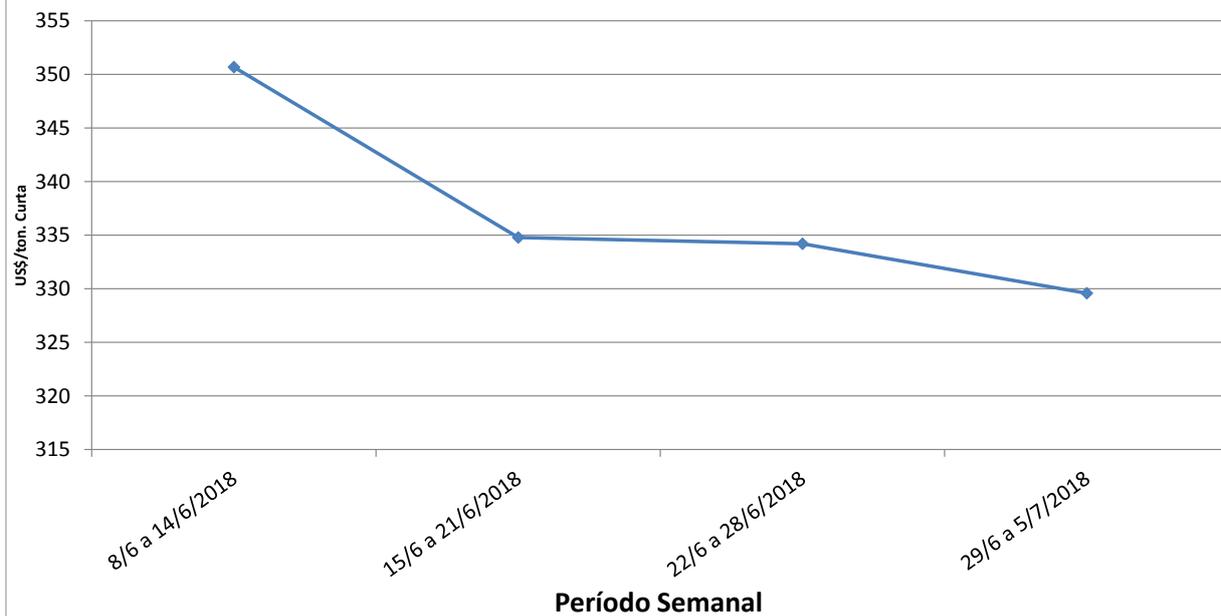
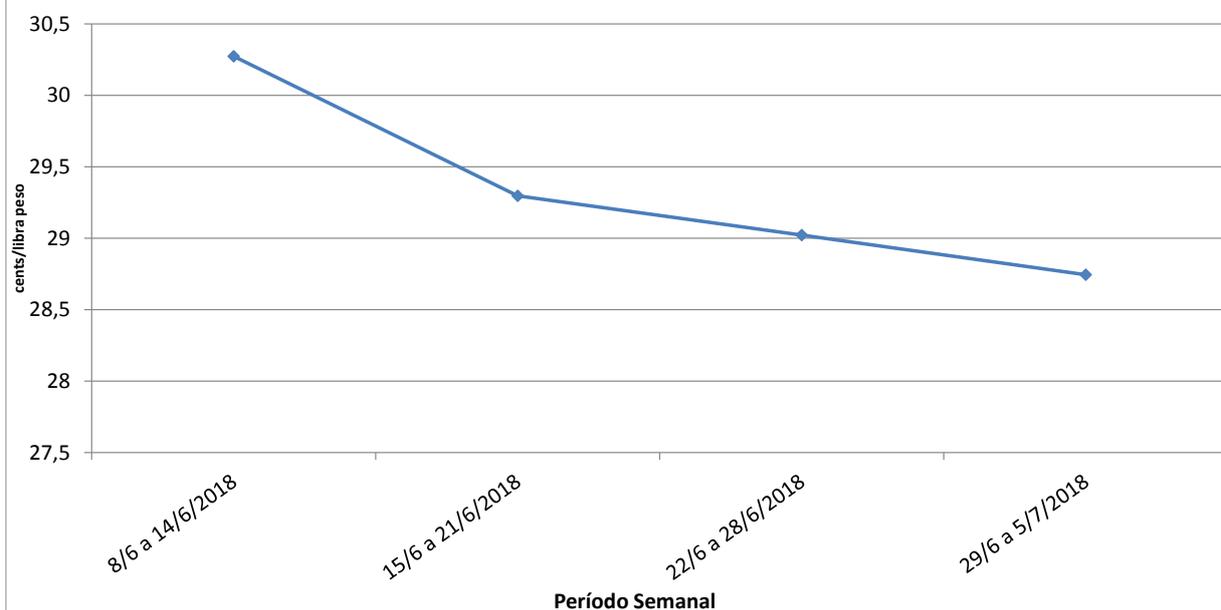


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 14/06 e 05/07/2018 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago voltaram a recuar, chegando a bater em US\$ 3,37/bushel no dia 02/07 para, posteriormente, fecharem o dia 05/07 (quinta-feira) em US\$ 3,43, contra US\$ 3,45/bushel. A média de junho ficou em US\$ 3,63/bushel, contra US\$ 4,00 em maio.

O relatório de plantio definitivo nos EUA apontou uma área semeada com milho em 36,05 milhões de hectares ficando, pela primeira vez na história, menor do que a área de soja. Todavia, a redução em relação ao ano de 2017 foi de apenas 1% igualmente, fato que projeta uma safra muito boa em caso de clima normal. Já o relatório de estoques trimestrais, na posição 1º de junho, subiram 1% sobre igual período de 2017, se estabelecendo em 134,9 milhões de toneladas. O mercado considerou tais números com viés de baixa para as cotações.

Dito isso, o clima nos EUA passa a ser um elemento decisivo neste mês de julho, já que o mesmo marca o período de floração e polinização do milho. Neste sentido, há alertas para um clima mais quente e seco durante o mês, fato que pode atrapalhar o desenvolvimento das plantas. Portanto, entramos definitivamente no mercado do clima naquele país.

Entretanto, no curto prazo a valorização do dólar perante as principais moedas do mundo tirou competitividade do milho estadunidense, fato que repercutiu sobre as cotações. Mesmo que o litígio comercial entre China e EUA não atinja fortemente o milho, seus efeitos secundários, como no caso do câmbio, provocam preocupações.

Quanto às condições das lavouras estadunidenses de milho, até o dia 1º de julho as mesmas apresentavam 76% entre boas a excelentes condições, 18% regulares e 6% entre ruins a muito ruins.

Na Argentina, a tonelada FOB ficou cotada em US\$ 160,00, enquanto no Paraguai a mesma se manteve em US\$ 137,50.

Já no Brasil, os preços do cereal fecharam a semana na média de R\$ 34,98/saco, melhorando em relação à semana anterior. Os lotes oscilaram entre R\$ 38,00 e R\$ 38,50/saco, sem alterações significativas. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 20,00/saco em Sorriso, Campo Novo do Parecis e Sapezal (MT) e R\$ 37,50/saco em Videira e Concórdia (SC).

A entrada da safrinha continua fazendo pressão baixista sobre o mercado, porém, lentamente começa a existir uma mudança de comportamento dos produtores, especialmente os paulistas. Isso porque a produtividade se mostra baixa, devido a estiagem que atingiu as regiões produtoras da safrinha no Centro-Sul brasileiro. Assim, a oferta é menor do que o inicialmente esperado e os produtores começam a segurar novamente o produto. Com isso, os preços tendem a subir.

Assim, apesar de ainda os consumidores não encontrarem dificuldades de abastecimento e as exportações estarem prejudicadas pelas dificuldades de frete, a forte desvalorização do Real torna mais interessante as vendas externas caso o câmbio se mantenha acima de R\$ 3,90 por dólar. Com isso, o interior paulista já assiste

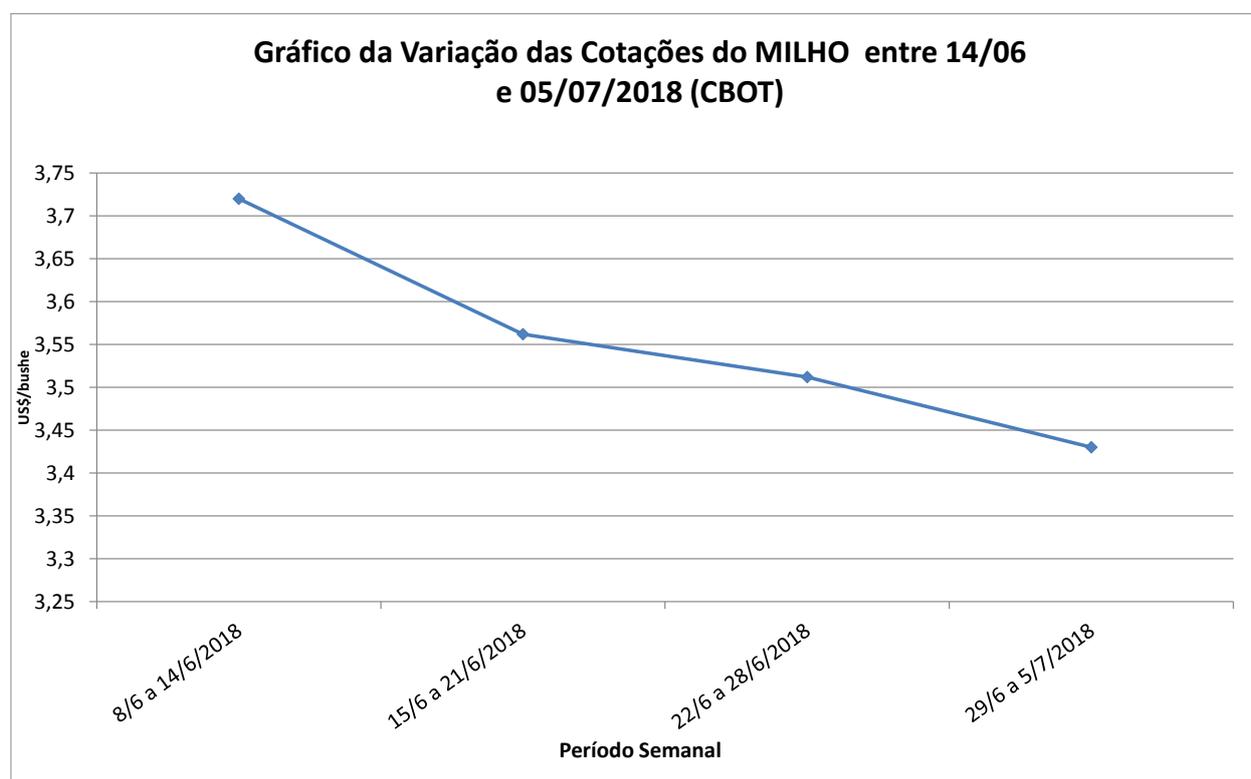
a preços entre R\$ 34,00 e R\$ 35,00/saco, enquanto o referencial Campinas voltou ao patamar de R\$ 38,00 a R\$ 38,50/saco no CIF. No porto de Santos o preço de compra para a safrinha subiu, nominalmente, para R\$ 40,00/saco.

Em junho, as exportações de milho por parte do Brasil ficaram em apenas 142.900 toneladas, resultando em um valor total de US\$ 26,4 milhões, ou seja, um preço médio de US\$ 184,50/tonelada.

Enfim, o mercado parece estar novamente mudando de postura e ingressando num processo de alta de preços diante da baixa produtividade média da safrinha e da forte desvalorização do Real neste momento. Mesmo assim, as tradings ainda estão atuando de forma lenta, no aguardo de uma definição sobre a tabela do frete no país.

A colheita da safrinha, até o dia 29/06, atingia a 10% da área semeada, contra 16% em igual período do ano passado. Por enquanto, a produtividade média da safrinha no Centro-Sul brasileiro está sendo esperada em 4.677 quilos/hectare, contra 5.863 quilos no ano passado (cf. Safras & Mercado). Isso significa dizer que estamos diante de um recuo de 20,2% na mesma, com tendência a diminuir ainda um pouco mais na medida em que a colheita vai avançando.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 14/06/2018 a 05/07/2018.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago oscilaram bastante nesta primeira semana de julho, porém, acabaram registrando fortes altas no final da mesma, com o bushel fechando o dia 05/07 (quinta-feira) em US\$ 5,04 para o primeiro mês cotado, contra US\$ 4,79 uma semana antes. Já a média de junho ficou em US\$ 5,00, contra US\$ 5,16/bushel em maio.

O relatório de plantio nos EUA, divulgado no dia 29/06, indicou uma área total semeada com trigo em 19,3 milhões de hectares, ou seja, em crescimento de 4% sobre o ano anterior. Já os estoques trimestrais, na posição 1º de junho, ficaram em 29,9 milhões de toneladas, com recuo de 7% sobre a mesma data do ano passado. Este número pressionou para cima Chicago.

Dito isso, a semana iniciou com cotações mais baixas, pois o avanço da colheita do trigo de inverno nos EUA mostrou rendimentos melhores do que o esperado. Ao mesmo tempo, as vendas líquidas do cereal, para o ano comercial 2018/19, ficaram um pouco abaixo do esperado, registrando 563.700 toneladas na semana encerrada em 21/06. Já as inspeções de exportação registraram apenas 324.181 toneladas na semana encerrada em 28/06.

Entretanto, no transcorrer da semana notícias sobre uma safra de trigo menor na França, além de novas condições climáticas desfavoráveis na Rússia, deram impulso ao mercado. Junto a isso, as condições das lavouras estadunidenses de inverno e primavera não são muito boas em diversas regiões do país, fazendo crer que os rendimentos finais serão menores do que os inicialmente detectados.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 235,00 e US\$ 255,00 na compra. Já o produto da safra nova ficou cotado em US\$ 195,00 na compra igualmente.

E no Brasil, o preço médio do trigo no balcão gaúcho voltou a subir, fechando a semana em R\$ 41,41/saco. Já os lotes permaneceram em R\$ 54,00/saco. No Paraná, o balcão pagou valores entre R\$ 46,00 e R\$ 50,00/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 66,00 e R\$ 70,20/saco. Já em Santa Catarina, o balcão ficou entre R\$ 43,00 e R\$ 44,00/saco, enquanto os lotes fecharam a semana na média de R\$ 60,00/saco na região de Campos Novos.

E isto que houve ingresso de trigo importado do Paraguai e Argentina no início da semana, mesmo com um câmbio batendo em torno de R\$ 3,90 por dólar. Na prática, a baixa liquidez interna, com ofertas mínimas de trigo de qualidade superior, dá sustentação aos preços locais. Mas os negócios têm sido pontuais, com pouco volume, atendendo a demanda de moinhos pequenos. No geral, os grandes moinhos possuem estoques maiores e reduzem o volume de moagem esperando comprar trigo apenas na entrada da nova safra, em setembro.

Aliás, se as importações continuarem, mesmo com o atual câmbio, quando a nova safra chegar os preços poderão sofrer um impacto baixista importante.

Neste sentido, importante se faz lembrar que a safra nova avança normalmente, se aproximando do final do plantio, e o clima transcorre bem, indicando uma colheita bem melhor do que a frustrada safra do ano passado.

Por enquanto, no Paraná, enquanto o produto paraguaio chega à região por volta de R\$ 1.110,00 a R\$ 1.150,00 a tonelada (US\$ 285,00 a US\$ 295,00/tonelada), o preço praticado atualmente no oestado Estado, para os poucos reportes realizados, ficam por volta de R\$ 1.100,00 a R\$ 1.150,00 por tonelada (cf. Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 14/06/2018 a 05/07/2018.

